

A CONSTRUÇÃO DOS AFETOS EM UMA CULTURA DA VIRTUALIDADE

Geny Alexandre dos Santos

Maria Rita Galdino Silva

Resumo

Com o advento da globalização, no século XX, e desenvolvimento tecnológico associado, a sociedade vivenciou transformações marcantes e hoje chega à contemporaneidade, tendo na cultura da virtualidade uma das suas mais significativas constituições. Os modos de subjetivação e construção de afetos sofreram grande influência a partir disso, a exemplo dos relacionamentos que passaram a ser intermediados por uma tela e os sentimentos representados por emoticons. Assim, esse estudo objetiva tecer uma reflexão crítica, acerca de como as mais variadas dimensões do mundo contemporâneo influenciam o campo subjetivo dos sujeitos, sendo capaz de redefinir as construções afetivas. A partir do método qualitativo de caráter bibliográfico, levantamos uma revisão de obras e autores referendados nos principais temas aqui expostos a fim de possibilitar o alargamento da discussão. Os estudos aqui analisados apontam que o tempo sofreu forte influência nessa nova sociedade, o imediatismo está refletido em cada área da vida humana e as pessoas, presas a uma falsa liberdade que lhe é propagada, tentam incansavelmente corresponder a cada aspecto para estarem “atualizadas”, na ordem da produção e do consumo. Os relacionamentos têm a marca da efemeridade e sua “desconexão” através de um click, ao mesmo tempo que temem relacionamentos mais sólidos e constantes, agarram-se ao medo da solidão. Esse modelo de relações virtuais, pouco diz respeito das relações constituintes da alteridade. Com os ícones substituindo os sentimentos, a individualidade, também, substitui a consciência de que se precisa do outro para ser no mundo.

Palavras Chave: Globalização; Cultura da Virtualidade; Afetos.

Abstract

With the advent of Globalization along the end of the 20th Century and the technological development that came along with it, society has experienced remarkable changes and, nowadays, when reaches the contemporary age, the culture of virtuality has become one of its more relevant constitutions. The ways of subjectification and the affections' building have suffered great influence of all the phenomena that took part of the Globalization process, being the human relationships one of the best examples of such changes, once they can be facilitated through a screen, as the feelings themselves can be represented by emoticons. Thus, this study aims for enabling a critical reflection on how the many dimensions of the contemporary world have influenced the subjective field of the individual, being even able to redefine the affective buildings. Growing out from the qualitative method based on a bibliographic nature, the following survey achieves a review of works and authors testified on the main themes here presented, in order to improve the discussion. The studies that have been analyzed here points to the way that time itself is currently seen by our society, being the immediacy one of the biggest symptoms related to time in our days and also the one that can be more easily detected in each single aspect of human life, on a way that people, usually stuck in a fake freedom that is spread to them, try relentlessly to correspond to each aspect in order to be "updated", according to the order of production and consumption. Relationships are branded by ephemerality and so can be easily "disconnected" by a click, although the fear of solid and constant relationships lives side by side with the fear of loneliness. This pattern of virtual relations has little to say about the relations that constitutes the otherness. Once icons are able to replace feelings, individualism becomes also easily able to replace the awareness of the other as an important input for being part of the world.

Keywords: Globalization; Culture of Virtuality; Affection.

Introdução

Exaltação do consumismo como conquista pessoal, relacionamentos virtuais, popularidade/*status*, influenciadores digitais, cargas de trabalho desgastantes, o cotidiano *vitrinizado* e os *likes* como sinal de aceitação. Essas são características reflexas da sociedade pós-moderna, sujeitos com acesso às mais diversas áreas, contribuindo, induzindo e reduzindo fronteiras, graças a um fenômeno que chegou com a ‘Globalização’ e hoje se estende pelos mais diversos campos da vida. A era digital, e sua realidade de mundo a um *click*.

A intensidade nas relações sócio espaciais, revela outras faces desse processo evolutivo. A amplificação de informações, choque de culturas (hibridismo), a padronização e o consumismo deixam as pessoas diante de um inacabável paradoxo. A mobilidade propagada ao sujeito, torna-o imóvel, vendo à contragosto que são manipulados pelo sistema no qual eles produzem e são produto. O excesso de informações adquirida, faz com que nasça a falsa impressão de conhecimento do outro, ao mesmo tempo de um total desconhecimento de si mesmo. A luta constante contra o padrão, mas a adesão inconsciente a ele. A busca incansável por afeto, enquanto as relações são mediadas pela efemeridade. A necessidade de contestar crenças e dogmas, mas o desejo pelos cânones. Como essas várias dimensões, tocam e alteram os campos de afetividade dos sujeitos? Esta é a pergunta precípua para a construção deste estudo.

A globalização trouxe uma nova tônica de organização social, que remodela diversos contextos primordiais na vida da humanidade, mais especificamente; a cultura, a economia e o comportamento de um povo. A nova era, intitulada como a Era da Comunicação e Informação, possibilitou o acesso à informação por meio da internet, gerenciou o tempo, lhe atribuindo a efemeridade, e o espaço, o transformando em inexistente. Dessa forma a cultura da virtualidade passa a ser um dos principais norteadores da interação humana.

Outras dimensões da condição humana foram tocadas e a construção dos afetos passou a ser marcada por uma conectividade desenfreada, as emoções que antes eram demonstradas passaram a ser transmitidas por meio de ferramentas, os *emoticons*. As relações se estabelecem com a mesma velocidade de que chegam ao fim, caracterizadas

pela urgência e necessidade de uma satisfação exacerbada. Nesse processo “globalizador” (Bauman, 1999), que tanto divide quanto une, o amor tende a ser vivenciado de uma forma mais insegura, conseqüentemente os laços afetivos passam a ser trocados pela satisfação do consumo. E assim passamos a instigar a questão; quais vínculos temos sido capazes de construir com aqueles que estamos nos relacionando a partir de uma cultura da virtualidade?

Com o olhar voltado a estas questões, este trabalho está estruturado em 3 (três) capítulos que buscam traçar um panorama acerca das mudanças comportamentais e, sobretudo, na constituição dos afetos que iniciaram pelo processo de globalização, passando por um intenso desenvolvimento tecnológico e hoje tem na cultura da virtualidade uma modalidade de relacionamentos.

A medida que o mundo se altera, a construção da identidade também toma nova forma. A identidade corresponde a construção global do sujeito, e é construída a partir de vivências, experiências tanto grupais como individuais. Mas como agora falamos em uma sociedade contemporânea, essa construção passa a ter outros estágios, que apresentam caráter desafiador; medos e incertezas contemporâneos/existenciais e a resistência de novas identidades, que contestam a nova lógica social.

No primeiro capítulo sob o título de Globalização e cultura da virtualidade abordamos as tendências impostas pelo grande processo de globalização, incluindo o trabalho e a efemeridade das coisas como marca precípua dessa dinâmica. No capítulo a “Construção dos afetos em tempos de emoticons”, tratamos de como estão sendo construídas as relações e vivenciados os afetos onde a ordem é de fluidez dos vínculos, o estar presente pouco existe e os sentimentos não passam de uma representação por um sistema de ícones que nada podem expressar profundamente. No terceiro capítulo “A Construção da Identidade na Sociedade Contemporânea” buscamos evidenciar sob quais amparos os sujeitos estão construindo suas identidades em uma sociedade marcada pela rapidez com que tudo acontece a todo instante e superficialidade dos contatos. Por fim, tecemos considerações com o intuito de evidenciar as discussões aqui levantadas e que elas possam conduzir a outros olhares, novas investigações nessa grande área temática. Identificando o que foi norteador neste trabalho, uma visão crítico-reflexiva sobre a cultura da virtualidade e o que ela demanda à constituição e manutenção dos afetos.

Capítulo 1. Globalização e a Cultura da Virtualidade

O termo globalização foi citado pela primeira vez entre as décadas de 60 e 70, representando um processo que ocasiona ligação estreita entre mercado e economia dos mais diferentes países. Mas como se trata, também, de um processo tecnológico, impactou no modo como o ser humano pensa, comporta-se e se relaciona. O fenômeno da globalização envolve uma série de condições, que por vezes os nossos olhos não conseguem vislumbrar totalmente, pois trata-se de acontecimentos e condutas até então impensadas ou mesmo inconcebíveis. Bauman (1999), ainda na introdução do seu livro, “Globalização: as consequências humanas”, referiu-se ao fenômeno como um destino irremediável do mundo, um processo irreversível e que afeta a todos. A atual e as futuras gerações estão fadadas a um mesmo destino, serem globalizadas.

Uma nova forma de organização social passa a gerir os diversos contextos (do trabalho, da família, das instituições, entre outros) a partir do século XX, com o processo de globalização e os consequentes avanços da tecnologia, ou sua causa. Caracterizar uma sociedade globalizada é antes de tudo, aperceber-se das grandes transformações que marcam principalmente, a cultura, a economia e o comportamento de um povo. O avanço da tecnologia fez mudar consideravelmente o modo de vida das pessoas, sendo a cultura da virtualidade um dos aspectos gerenciadores da interação humana, além das estratégias que instituem relações de poder. Temos uma globalização induzida pela tecnologia (CASTELS, 2003) e as consequentes transformações advindas dessa dimensão na economia, na política, na cultura, na religião, e tantas outras áreas que o sujeito possa acessar. Portanto, falar dos avanços tecnológicos é falar em diversos eixos que foram e continuam sendo alterados de modo vertiginoso e nada democrático em suas transformações. É bem verdade que os benefícios trazidos pela tecnologia são requeridos e essenciais ao desenvolvimento e sem eles talvez já não nos imaginamos.

O “livre acesso” à informação constituído pela internet é marcante na vida dos sujeitos; as descobertas na área da saúde com o surgimento de exames e medicamentos cada vez mais precisos e sofisticados; a diminuição das fronteiras trazendo a possibilidade de intercâmbios das diferentes culturas e organizações sociais, estudantes e cientistas de todas as partes do mundo vivenciam experiências de troca de conhecimento em diversos

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

países. Isto para citar alguns dos principais benefícios advindos com a Era da Comunicação e Informação. No entanto, não podemos fechar os olhos ao reverso, onde para cada benefício atribuído ao processo de globalização existe um par nada agradável, muitas vezes até maior em sua condição negativa à manutenção da vida. É inegável o poder de alienação que envolve as transformações pelas quais passa a sociedade, quer representada pelas suas instituições quer pelas suas dimensões ideológicas. Algo que tem gerado nas pessoas uma sensação de inquietude dito por Bauman (2007, p. 16) como “o terreno sobre o qual se presume que nossas perspectivas de vida se assentem é reconhecidamente instável”.

Ainda citando Bauman (2007) na sua introdução ao livro “Tempos Líquidos” usa uma expressão literalmente sugestiva: “Entrando corajosamente no viveiro das incertezas” é esta incerteza que para ele constitui a globalização. Um processo de intensas mudanças nas mais diferentes áreas da sociedade e da vida, pois seus impactos são sentidos desde as experiências concretas do cotidiano à vivência subjetiva do indivíduo tocado em seus afetos, expectativas, anseios, sentimentos, sensações, ilusões e desilusões.

Na Era da Comunicação e Informação o tempo é absurdamente efêmero, pois pode-se fazer várias coisas a uma só vez, dando a esse período um relativismo sem precedentes. Para Bauman (2007) “Tempos Líquidos” representam a efemeridade das coisas e o medo advindo da instabilidade com que elas se apresentam, a insegurança nas instituições que antes se diziam sólidas, a fugacidade com que a rotina se instala, ou melhor dizendo, não se instala. O cotidiano do trabalho, do comportamento, das relações, dos projetos de vida, enfim, uma rotina que já não assegura mais nada, a não ser o estabelecimento daquilo que não se estabelece. Por isso que para este autor “a vivência do tempo na sociedade globalizada corresponde a um dos aspectos que mais sofreu influência”. (BAUMAN, 2008, p. 49)

Além do tempo, os espaços são outro aspecto tocado pela nova ordem mundial, onde a fluidez e a frouxidão das margens ditam as regras de uma Lei que não é sancionada, pois o que vale agora é a falta de limites, limite antes necessário à estruturação do sujeito e a manutenção do convívio social. O local e o global se confundem a todo instante quanto ao trânsito das informações; a modelos de vida estereotipados, pautados em uma cultura do consumo e do *fast food*, tudo pronto, tudo rápido; a relação entre as pessoas e a sua

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

comunidade tem se perdido a medida em que dialogamos com aquilo que está longe. Parece que já não existe o lugar comum, todos os lugares são possíveis, porém esta é uma vivência geradora de conflitos, afinal a sensação de pertencimento já não tem “espaço”. Como observa Sennett (2014, p.16) “o espaço tornou-se um lugar de passagem, medido pela facilidade com que dirigimos por ele ou nos afastamos dele”. Exclui-se a paisagem como lugar de contemplação e forja-se uma paisagem como figuração no *flash* da *self*.

A mobilidade dos indivíduos tem um contributo nessa ordem do espaço. Pois esta condição passou a significar não apenas o mover-se de um canto a outro, mas sobretudo, o estar nos diversos lugares através das redes de comunicação, criando-se o que se denominou de *ciberespaço*. Hoje a cultura da virtualidade, com seus encontros distantes e sua sociabilidade virtual, tem o efeito de aproximar quem está longe e distanciar quem está perto. Onde nem sempre são os princípios éticos que regulam estas relações, na verdade, o que mais parece é que as pessoas se utilizam da dinâmica de não olhar nos olhos do outro para vilipendiar o ato comunicativo e quem o compõe. “Navegar pela geografia da sociedade moderna requer muito pouco esforço físico e por isso, quase nenhuma vinculação com o que está ao redor” (SENNETT, 2014, p. 17).

Pertencer a determinados lugares ainda é gerador de estigmas arraigados na cultura do poder que se formou com a globalização, certamente que anterior a este processo, muitas sociedades, a exemplo da africana e latina, já eram destituídas dessas condições de poder pelas características socioeconômicas que marcaram estes lugares. Portanto, espaços globalizados são, sobretudo, lugares onde o poder da economia cria a ideia de desenvolvimento, maior cultura, melhor civilização, enfim, comunidades supervalorizadas pelo poder de dominação que exercem nas demais.

1.1. Globalização e o trabalho

Em “A corrosão do caráter”, Sennet (2014b) aposta em um nome bastante expressivo para seu primeiro capítulo: “Deriva”. Esta é a sensação que permanentemente tem sobressaltado a muitos em tempos de globalização. Estar à deriva, não saber o que fazer, por fazer todas as coisas ao mesmo tempo e em muitos lugares. Aqui o autor faz

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

uma referência entre a globalização e o trabalho. Esta articulação corresponde a uma das muitas dimensões que a Era da Comunicação tem alterado.

Estar sempre ocupado, a postos e em alta produtividade é a palavra de (des)ordem. Ainda dito por Sennet (2014b, p.102/103) “A moderna cultura do risco é peculiar naquilo que não se mexer é tomado como sinal de fracasso, parecendo a estabilidade quase uma morte em vida”. Com isso, tudo se torna flexível, pois poderá mudar de rumo a qualquer instante com a necessidade de ultrapassar o risco, não se arriscar significa desprezar-se, colocar-se a margem, não ser estratégico o suficiente para manter-se equilibrado no que não é firme. Sendo somente do indivíduo, a responsabilidade em promover está dinâmica.

O trabalho está cada vez mais imbuído da ideia da competição e divisão que vêm substituir de modo quase que absoluto a cultura da unidade, da colaboração e do trabalho em equipe. Neste campo aflora ainda mais o peso das incertezas, angústias e conflitos. No entanto, estes são estados existenciais que o sujeito não precisa viver por muito tempo, pois jargões propagandísticos criam efeitos de tristeza líquida, infelicidade fugaz. Tudo passa caso você compre, tenha, use e abuse do poderoso antídoto contra os impactos emocionais daquilo que você não consegue dar conta. O nome deste elixir da felicidade instantânea é “consumir”, “O consumo é uma pratica idealista total, que se acha dinamizada pelo projeto sempre frustrado e subentendido no objeto”. (BAURDRILLARD, 2008, p.210). Enfim, as causas para o consumo serão muitas, pois os sujeitos em tempos de globalização estarão sempre em falta para que assim sejam geradas as necessidades em ter. Tornar indivíduos desejosos, ávidos em aplacar uma angústia que nunca cessa. Parece ser esta a intenção do nosso mundo globalizado, é esta a nossa vida fragmentada.

Capítulo 2. A construção dos afetos em tempos de *emoticons*

Aqui tecemos algumas considerações acerca de como estão sendo construídos os vínculos e relações em um espaço/tempo cuja efemeridade das emoções tem nos ícones (*emoticons*) toda sua possibilidade de expressão de afetos. As palavras foram dispensadas e outros símbolos de maior comprometimento no jogo das inter-relações já não fazem parte do vocabulário e da dinâmica das relações. Há com isso uma clara instabilidade na

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

manutenção das relações consigo e com os outros. Individual e coletivo nunca esteve envolvido numa lógica de contradições tão marcadas, ou seja, falta coerência entre o que o sujeito pensa, sente ou faz na ordem de um projeto de autoconhecimento e de envolvimento interpessoal. Segundo Casadore e Hashimoto (2012, p. 182) fatores que concorrem para isso são a “mobilidade, instantaneidade, flexibilidade, individualismo e consumo aparecem como partes muito características da sua constituição dinâmica”

Assistimos, como também participamos, de relações fragmentadas por vínculos solúveis e descartáveis a medida em que se perde o movimento natural dos relacionamentos, ou seja, dimensões inerentes do estar com o outro, a exemplo do convívio com a diferença, a frustração pelo comportamento do outro que muitas vezes não podemos mudar, o manejo na resolução de conflitos. Estamos imersos em um movimento paradoxal e conflitivo ao aumentar o número de contatos e relações ao mesmo tempo em que se afrouxam os laços, a partir da disponibilidade para os relacionamentos vários com a facilidade oferecida em rede. Isso mostra a fragilidade com que são tecidas as relações virtuais.

A avidez por inúmeras e simultâneas relações diz da necessidade de aplacar um lugar do vazio, porém, extremamente constituinte de nossa subjetividade, ao mesmo tempo em que o homem é um ser eminentemente social é importante que goze também de momentos de solidão no sentido de um espaço de si mesmo, um olhar às suas faltas, uma volta ao estado de desamparo afim de que possa construir modelos de relações mais estáveis. No entanto, o sujeito contemporâneo deseja a conexão fluida e intermitente, é tanto que seus dispositivos de comunicação se tornaram parte do seu corpo à medida em que não soltam os aparelhos e estão continuamente voltados às notificações dos seus chamados, por outro lado, os sujeitos têm se responsabilizado menos pelo inter jogo das relações, ou seja, continuam individualizados, cada dia constituindo relações mais frouxas, sempre que um *click* é capaz de bloquear, excluir e ou eliminar o outro de modalidades várias de relacionamento.

Casadore e Hashimoto, (2012, p. 183) chamam a atenção para “a legitimidade que os desejos contemporâneos possuem. Sendo legítimos, também se tornam legítimas as formas de satisfazê-los, e com satisfações impulsivas uma atrás da outra, numa eterna constância, o excesso hoje em dia se transformou em norma”. Não à toa vivemos a era do

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

cansaço, estamos todos em uma marcha desenfreada do trabalho, que cabe uma questão trazida na afirmação dos autores acima. Será que o sujeito contemporâneo não anda forjando cansaços, supondo sacrifícios, para que assim possa legitimar os prazeres instantâneos. A necessidade premente de ser satisfeito, sendo guiado pela ilusão do fácil acesso.

A fragilidade dos laços, sobretudo, os virtuais, está na suposta facilidade em desfazê-los basta apertar uma tecla, para que o conflito seja resolvido e o “extermínio” do outro seja realizado, assim como, qualquer tipo de obrigação afetiva. Interessante saber que é exatamente a facilidade em desfazer os relacionamentos virtuais, o pressuposto da qualidade, o valor desse formato está na banalidade do fim. Para Casadore e Hashimoto (2012, p. 188) isto significa que “a produção de vínculos interpessoais decai, bem como o controle do sujeito sobre o presente e as perspectivas que tem para o futuro, graças também à ideia instaurada de que todos são potencialmente redundantes ou substituíveis, vulneráveis, e que nenhuma posição social é segura ou garantida”.

Um falso cuidado com o outro tem criado “sujeitos terceirizados”, aqueles que são alvo de tratamentos para restituição do seu bem-estar, serviços que se dispõem a lhes ofertar o que precisam de modo mais rápido e eficaz. Estes são os mesmos sujeitos que com o advento da modernidade foram identificados por números, siglas e códigos. Os verdadeiros conflitos existenciais vão sendo tamponados pelo consumo desenfreado, onde os produtos serão o acalanto para o medo e as angústias surgidas com as incertezas de uma vida fluida. Observado por Casadore e Hashimoto (2012, p. 188) como “o sujeito passou a estabelecer uma relação entre a aquisição de objetos materiais e a felicidade generalizada: uma satisfação praticamente instantânea, apesar de momentânea, e nada mais para além disso”.

As transformações não estão restritas a um espaço geográfico específico apesar de algumas vezes ser determinado ou nascer de lugares estratégicos, como representantes do global. Estas mudanças são também da ordem das inter-relações e o lugar da comunidade já não cria pertencimentos, relações de partilha. Desse modo, tanto o local quanto o global no sentido de macro e micro espaços não fundamentam as relações comunitárias e como nos diz Bauman (2007, p.90) “as cidades são espaços em que estranhos ficam e se movimentam em estreita proximidade uns com os outros”.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

Os desenganos afetivos são construídos pela ordem da produção para o consumo, esta condição vista como a capacidade de produzir como forma de ofertar seu poder de atividade e também de gerar possibilidade financeira para consumir. Estar fora desta engrenagem é uma espécie de tragédia pessoal, pois retira o sujeito de uma ordem que se supõe legítima, assim que é capaz de legitimar modos de ser e estar no mundo. Assim, “a pobreza significa a incapacidade de participar no mercado de consumo. O desemprego sublinha a incapacidade de participar no mercado da produção”. (XIBERRAS, 1993, p. 28). Pouco se observa efetivamente a lógica perversa das desigualdades ou se atribui à sua existência os motivos de tantas faltas.

A quebra simbólica dos “sólidos”, advinda da contemporaneidade, trouxe a noção de fluidez em diversas áreas, dentre elas a afetiva, e, sobretudo, no modo como as pessoas se relacionam, a partir dessa nova lógica de contato com o outra, começa a funcionar também uma nova forma de distanciamento, aquele em que as pessoas ficam invisibilizadas em suas necessidades e por que não dizer, excluídas. O “derretimento” desses sólidos desestabilizam o homem e deixa ele a frente de uma falsa liberdade. Bauman (2001, p. 37) definiu essas relações contemporâneas como “relações de bolso”:

Uma relação de bolso bem, diz Jarvie, é doce e de curta duração. Podemos supor que seja doce porque tem curta duração, e que sua doçura se abrigue precisamente naquela reconfortante consciência de que você não precisa sair do seu caminho nem se desdobrar para mantê-la intacta por um tempo maior.

Relações curtas, fluidas, virtuais, frágeis, que trazem a noção do uso de algo/alguém apenas pelo prazer momentâneo, podendo guardar para usar em outro momento, sem a necessidade de estabelecer profundidade, vínculo ou amadurecimento da relação. Esse tipo de relação passa a ser contemplado pela satisfação imediata do desejo e do gozo, diferente de envolvimento mais profundos que envolvem entrega, ganhos, perdas, assim como, a condição de passar pelas frustrações comuns à toda relação no plano de conviver com às diferenças do outro.

2.1 Um Olhar sobre a Teoria do Apego e o Nascimento dos vínculos

É possível observar o quanto os relacionamentos têm caráter conflitivo; o quanto não se sentir amado ou até mesmo a forma de corresponder esse amor pode afetar no comportamento e nas ações humanas. O modelo tomado como base para esses relacionamentos advém da primeira infância, onde a criança elegera sua principal figura de apego, que geralmente é a mãe ou quem exerce a função materna. Esse vínculo é baseado na necessidade de proteção e segurança típicas dessa fase, se o vínculo não for bem estruturado pode trazer algum transtorno para vida adulta, é o que têm mostrado diversas pesquisas nesta área. “A imagem interna, instaurada com os cuidadores primários, é considerada a base para todos os relacionamentos íntimos futuros”. (DALBEM; DELL’AGILO, 2005, p. 15 apud BRETHERTON; MUNHOLLAND, 1999)

A função, que antes exercida pelos pais ou cuidadores, com o passar do tempo e mudanças das fases, naturalmente passa a ser ocupada pelas outras relações que vão se construindo ao longo da vida. Desse modo, o sistema de apego se sustentará nesses novos personagens, também na tentativa de preencher uma espécie de lacuna que fica com a vivência desse apego primevo, dito em outras palavras, é como se buscássemos esse primeiro vínculo nas futuras relações, tentássemos reestabelecer um elo perdido. Pois como observa Dalbem e Dell’agilo, (2005, p.14 apud Cassidy, 1999) “o papel do apego na vida dos seres humanos envolve o conhecimento de que uma figura de apego está disponível e oferece respostas, proporcionando um sentimento de segurança que é fortificador da relação”. A importância desse processo está, sobretudo, na construção da alteridade, pela possibilidade desse encontro com o outro, perceber-se através do outro e se constituir com ele.

Assim o encontro entre duas pessoas é a porta de entrada para relacionamentos interpessoais e uma possibilidade de vínculos a serem estabelecidos. Mas isso não significa dizer que o vínculo duradouro poderá ser criado entre qualquer pessoa, ou que qualquer um faça despertar o amor e a segurança, pois o vínculo que o indivíduo ainda terá como base será o das principais relações parentais, sobretudo, desses pais da primeira infância. Uma teoria que desenvolve essa questão foi feita pelo britânico John Bowlby

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

(2002) descrevendo na trilogia, apego, separação e perda, a construção dos vínculos, especialmente o materno com o seu bebê, assim como a separação temporária ou duradoura, e suas correspondências na constituição subjetiva do sujeito, os impactos na personalidade a partir da primeira relação humana que constituímos.

Bowlby (2002) evidencia em suas pesquisas que o ser humano possui alta competência para adaptação ao meio, as mudanças no contexto conseguem ser alcançadas pelo sujeito de forma que ele conduza seu comportamento a novas possibilidades. Porém, este autor percebe que isso não é uma regra para algo que ocorra sem consequência, ou seja, Bowlby (2002) leva em consideração o tempo para estruturação de vínculos seguros, a fim de que estes conduzam ao desenvolvimento de um sujeito com capacidades adaptativas significativas, assim como a qualidade do envolvimento na construção dessas relações vinculares.

Sobre a natureza e origem do vínculo Bowlby aponta questões que nos fazem compreender a importância do relacionar-se, a propensão que os humanos têm de seguir para as relações vinculares, inscrevendo esse processo na presença do outro. Segundo Bowlby (2002, p. 220) “existe nos bebês uma propensão inata para o contato físico intenso com um ser humano. Neste sentido existe a necessidade de um objeto independente do alimento e que é tão primária quanto a necessidade de alimento e conforto”. O que pode ser traduzido em atitudes de proximidade, ou seja, o bebê fará um esforço para manter um contato contínuo. “O comportamento de manutenção da proximidade é observado de maneira óbvia quando a mãe sai do quarto e o bebê chora, ou chora e tenta também segui-la” (Bowlby, 2002, p. 247). Em outras palavras o autor quer dizer que o comportamento de apego é definido por esta busca de proximidade com o outro própria do ser humano.

A teoria de apego formulada por Bowlby, nos indica o quanto é necessário o contato com o outro, não apenas por condições de suporte material para um bebê humano que nasce com tantos processos de maturação a serem desenvolvidos, mas, sobretudo, a presença do outro que irá constituir uma relação afetiva e determinar o modo de relação futura em outros vínculos, fazendo com que o sujeito busque estes jeitos de se relacionar e, conseqüentemente, sinta os impactos afetivos quando não encontra. A forma como se opera e a qualidade destas relações primevas na vida do bebê são fundamentais para sua

constituição psíquica e experiências posteriores. Portanto, fica evidenciado pelo estudo em profundidade realizado por Bowlby, o quanto é estrutural ao sujeito os contatos seguros, a dinâmica que leva ao apego, o convívio presencial que estabeleça a proximidade e o apoio aos vínculos mais sólidos. Algo que na atualidade tem se referenciado por vínculos construídos virtualmente e rapidamente desfeitos.

Capítulo 3. A Construção da Identidade em uma Sociedade Contemporânea

Segundo Castels (2003) identidade é “a fonte de significado e experiência de um povo”. Desse modo, todas as dimensões que envolvem a vivência do indivíduo contribuem para formação de sua identidade. Portanto, teremos identidades individuais e a identidade de formações grupais, tendo em vista que a coletividade também atribui significado a suas experiências no contexto em que se inserem. Os lugares sociais e as práticas cultivadas nestes lugares sofrerão a crítica e a reflexão de quem as vive.

Ainda para Castels (2003) na formação da identidade nos valem da ciência através de suas disciplinas como história, geografia e biologia, além das instituições que produzem e reproduzem os saberes sociais, culturais e religiosos. Assim, contamos com pessoas, grupos e instituições reveladores de experiências necessárias na construção da identidade. O que faremos com este suporte no sentido de perpetuá-lo ou invalidar sua função, esta será uma atitude própria das condições pessoais e contextuais em que acontecem. Daí a possibilidade de opor-se aos ritmos muitas vezes impostos pela trama social da qual fazemos parte, o sujeito pode, então, não se identificar com as disposições demandadas pelo outro e buscar uma outra conjuntura de identificação.

Desse modo, as identidades não são dadas, mas sempre construídas a partir de partilhas e condições de vida comuns, a exemplo do que acontece com o laço da cultura que liga e caracteriza um povo, tornando-o diferente dos demais. Cultura caracterizada por Bauman (2008, p.46) “é a atividade de fazer distinções, de classificar, segregar, marcar fronteiras – divide as pessoas em categorias unidas internamente pela similaridade e separadas externamente pela diferença”. Ou seja, é aquilo de que nos valem para marcar uma identidade, é um atributo na construção desta identidade.

É necessário observar que identidade não deve ser confundida com papéis, pois estes determinam as funções que o sujeito exerce, com duração limitada e específica a uma dimensão de sua vida. Enquanto que a identidade corresponde a uma construção global do sujeito, estando presente em seus diversos vínculos, portanto, a medida em que o mundo se transforma, novas identidades vão surgindo com o intuito de reorganizarem as relações e demarcarem suas diferenças.

A construção coletiva da identidade é tão importante quanto a construção individual, pois é nela em que o sujeito encontra o sentimento de pertencimento e a segurança por partilhar projetos sócio-histórico-culturais comuns à sua sociedade. Assim, ele se identifica e se diferencia. No entanto, o contrário tem acontecido pela instabilidade contemporânea presente no campo do trabalho, das relações interpessoais e no modo como os indivíduos se veem em relação aos seus pares sociais. Visto por Bauman (2007, p.97) da seguinte forma:

Os medos contemporâneos mais assustadores são os que nascem da incerteza existencial. Suas raízes se fincam muito além das condições da vida urbana, e o que quer que se faça dentro da cidade e na escala do espaço urbano e dos recursos administrados pela cidade para cortar essas raízes ficará aquém do que seria necessário para esse empreendimento.

Esta “desvalorização da ordem” (BAUMAN, 2008) trazida pela globalização, tem ativado resistências diante de uma conjuntura que se apresenta opressora. Assim, foram sendo criadas identidades viabilizadas através de movimentos e grupos cuja maior característica está em contestar a nova lógica social vigente. Não são boas ou más, pois não devem ser avaliadas segundo uma ordem de valor, são apenas o reflexo de uma sociedade que transformou-se desconsiderando a experiência existencial dos indivíduos.

Estas identidades surgem atreladas a grupos e movimentos sociais sendo estes para Castells (2003, p. XXIV) “ações coletivas com um fim determinado, cujo resultado transforma os valores e as instituições da sociedade”. Desse modo, as identidades geradas como contestação aos efeitos da globalização, quer estejam voltadas ao fanatismo e violência ou a democracia e paz, nada mais são do que o reflexo da nossa contraditória pluralidade (CASTELLS, 2003).

O que Castells, (2003) chama a atenção é que estas formações de identidade longe de qualquer juízo de valor, buscam legitimidade a partir de redes de solidariedade e

identificação comunal. A construção de um rol de identidades tem a contribuição dos medos e incertezas sob os quais estão assentes as experiências individuais e coletivas dos sujeitos em tempos de globalização. Tudo se tornou assustadoramente cíclico e passageiro, e, para além desta efemeridade existe a sensação de que as escolhas e as identificações não trarão felicidade por muito tempo e logo se tornarão ultrapassadas. Consequentemente se não tenho aquilo que me deixa feliz nesse instante, sou incompetente em minhas escolhas, infelizmente é assim que temos assumido uma ideia sobre nós. Como diria Bauman (2008, p.187):

A incerteza que atormenta homens e mulheres na passagem do século XX não é tanto como obter as identidades de sua escolha e tê-las reconhecidas pelas pessoas a sua volta, mas que identidade escolher e como ficar alerta para que outra escolha possa ser feita em caso de a identidade antes escolhida ser retirada do mercado ou despida de seu poder de sedução.

A definição de novas identidades surge frente à necessidade de manter algo comum e contínuo com seus pares sociais. Alguns indivíduos começam a se posicionar contra a ordem da instabilidade ou será desordem da estabilidade, para que algo lhes restitua o sentido de continuidade, partilha, bem comum. Já não suportam este eterno devir. Observado por Bauman (2008, p.136) ao dizer que “ser moderno significa estar perpetuamente à frente de si mesmo em um estado de constante transgressão; também significa ter uma identidade que só pode existir como um projeto não realizado”.

Arendt (2010, p. 31), observa que para os gregos “ser político, viver na pólis, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não pela força e violência. Forçar pessoas mediante violência, ordenar invés de persuadir, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas”. Com a nova ordem instalada, esta prática gira no plano ideal, pois nada é decidido a partir da reflexão compartilhada. Tudo está pronto em um formato no qual os indivíduos devem se adequar, aquele que não fizer parte dessa engrenagem ou lubrificar suas peças estará irremediavelmente fora do jogo social.

As pessoas vão criando substitutos ou desviando seus medos para frivolidades, dignas do mínimo esforço para sua resolução. O medo de engordar, a procura da dieta mais potente, do restaurante vegetariano ou vegano, do bairro com mais espaço verde, enfim, a vivência de intensos conflitos por questões que mascaram algo muito mais poderoso. O medo da vida. O reflexo de uma sociedade Pós-moderna?

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

O medo do que pode acontecer no próximo instante deverá ser suplantado pela necessidade de ser flexível, dinâmico e estratégico. O planejamento e a estrutura programada das coisas não é algo que induza a certezas, portanto, ter conhecimento como fruto da experiência não será algo bem visto na sociedade globalizada e quanto a isto não nos resta muitas escolhas. A grande questão é que se não tenho margens de escolha dificilmente me sentirei fazendo parte de uma estrutura que respeita a diversidade e “quanto menos liberdade de escolha tenho, mais fracas são minhas chances na luta pelo poder” (BAUMAN, 2008, p.47).

Portanto, como diz Giddens (2000, p. 29) A nova ordem global “não é firme nem segura, mas repleta de ansiedades, bem como marcada por profundas divisões. Muitos de nós nos sentimos presos às garras de forças sobre as quais não temos poder”. Ou seja, a sociedade ao contrário do que se imaginava tornou-se desordenada e instável com mudanças estendendo-se por toda parte. Como consequência dessa estrutura criou-se um sujeito anônimo e impessoal, alguém capaz de flutuar pelos espaços etéreos dessa nova organização.

Do ponto de vista existencial os conflitos estão presentificados, pois as ferramentas com que lançamos mão para enfrentar os riscos e medos de uma sociedade instável, são as mesmas que geram estes riscos. O desenvolvimento da ciência e da tecnologia funciona como gerador de individualidades e para aplacar com a solidão faz-se agregações efêmeras através das “redes sociais” incapazes de formar vínculos pois destituídas de algum valor estável e comum, uma busca incessante pelo olhar do outro, não como forma de partilha, contato, e conseqüentemente, a manutenção dos vínculos, mas tão somente como janela para alimentação dos narcisismos. Segundo Casadore e Hashimoto (2012, p. 189) o fundamental na contemporaneidade “é o “olhar do outro” sobre o sujeito. Além da relação simbiótica entre aquele que enaltece e o que conserva esse jogo de aparências, aparece implícito um vínculo identitário entre as partes, que pode envolver admiração, desprezo ou inveja, todos submetidos apenas à imagem”. Antagonismos que permeiam a sociedade pós-moderna.

As dimensões observadas até aqui e suas transformações são o espelho de uma sociedade que abriu as portas, de forma consentida ou não, à globalização, percebendo através dos seus efeitos, um processo que não tem as pessoas e sua humanidade como

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

instâncias a serem consideradas. A globalização prescreve uma ordem sem pessoas, a grande marca disso é a desvalorização de formações sociais mais estáveis como a família, as associações e as assembleias, construtores de referências ao sujeito, e isto não tem a ver com as diversas configurações na formação destas instituições, aqui falamos do tipo de relação que se estabelece no seu interior, a exemplo das funções instituídas e do lugar que cada um ocupa na teia de relações.

A ideia fundante destas transformações não está expressa em palavras que poderão caracterizar a chamada pós-modernidade e sua globalização, o que sabemos é que estas mudanças e sua ideologia têm o poder de tocar e alterar a vida das pessoas em todas as suas dimensões, não importa onde elas estejam ou a que meio social pertençam. O que nos alerta refletir é a que ponto chega a sujeição humana ante a tantas questões incapazes de considerar os conflitos e processos existenciais comuns a todos os indivíduos, pois incidentes no cotidiano do trabalho, das inter-relações, das instituições, do tempo, espaços, e demais instâncias necessárias à construção de subjetivações, ou seja, vivemos a partir de um exercício de alteridade, construindo sentido para vida mesmo diante das frustrações, no convívio diário com o diferente. O que vemos é uma fragmentação e ou negação dessa realidade, com tentativas frustradas de enxergar firmeza na fluidez. Terão estas mudanças força capaz de promover o bem geral?

Considerações Finais

A contestação aos atuais processos de globalização a partir de identidades construídas, tornou-se grande ameaça a ordem da “sociedade em rede”, assim nos alerta Castels (2003). A partir disto observamos que há uma reação aos modos como a sociedade está se consolidando, pois este não é um processo que nasce agora. Há tempos que fortes embates e pontuações são feitas acerca da fragmentação da vida trazida pela globalização, mas nada que apresente alguma margem de controle.

Os problemas existenciais dos sujeitos já não são alvo de iniciativas para sua resolução, para pensar no outro. No entanto, vão se criando algumas máscaras, efeitos de um falso empoderamento, como se o sujeito estivesse sendo lembrado, assim começa a luta contra os efeitos do aquecimento global, os cuidados com a saúde, as mudanças

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

estéticas e até genéticas, a busca por modos de vida alternativos, algo que sirva como paliativo para não se pensar de fato sobre o que verdadeiramente está acontecendo e o rumo assustador que as coisas estão tomando em um espaço curtíssimo de tempo.

A nova ordem global parece trazer uma avidez para o risco, nem que seja como representante do formato das relações. Afirmado por Bauman (2008, p.135) como “ser moderno significa ser incapaz de parar, que dirá de ficar imóvel”. Isto confirmado através da nova dinâmica que se estabeleceu no trabalho, no plano da rotina, nas relações interpessoais, no poder das instituições humanas como a família, enfim, a velocidade e fluidez demandada pelo processo da globalização não deixa tempo para pensar, tampouco escolher. Aqui cabe o modo como os afetos estão sendo constituídos em sociedade que cria vários modos de expressar as emoções, mas não as escuta. Dito de outro modo, a comunicação virtual ao mesmo tempo em que construiu uma série ícones que representam os sentimentos e emoções dos sujeitos, atrela esta realidade interna à uma condição passageira, fluida. Os *emoticons* das relações virtuais dizem pouco de cuidado, escuta e empatia.

A busca por justiça e igualdade sociais nasce através do reconhecimento de identidades coletivas que assistem à desintegração da solidariedade e como diz Bauman (2008, p. 92) “a permanente desarmonia entre o “eu quero” e o “eu posso”, e mais exatamente o excesso de carências para satisfazê-las, está se transformando no princípio guia do estabelecimento social. Pode-se depreender disso uma conduta comum contemporaneamente, a necessidade de estar sempre conectado, mas que não significa estar ligado ao outro, tão somente, na premência de que este outro aceite, curta, compartilhe e ou comente. A profundidade dos vínculos está programada para não acontecer, não há tempo, argumentando-se para isso os muitos afazeres, o trabalho incessante e a produção desenfreada, onde o estar cansado virou sinal de *status*. Aliás, vivemos também, a era do cansaço.

A partir de tais condições aqueles que se veem fora da ordem ou desordem global criam identidades de contestação a fim de dar novos significados a sua experiência de vida e criar suas margens de liberdade, pois são homens desejosos de autonomia e, sendo homens, isto é, “na medida em que vivem, se movem e agem neste mundo, só podem experimentar a significação porque podem falar uns com os outros e se fazer entender aos

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

outros e a si mesmos. (ARENDR, 2010, p. 4). Certamente que estes grupos de contestação seguem na busca de outras referências sociais, econômicas, e conseqüentemente, subjetivas, montando uma dinâmica de relações comunitárias, partilhadas.

Busca-se fundamentalmente modelos de vínculos que não deem trabalho, que não sejam profundos ou possam causar a responsabilidade de suportar, de conviver com as frustrações, ao mesmo tempo em que tantas formas de ligação (conexão) são estabelecidas. “O desengajamento aparece aqui como uma nova forma de poder e de dominação, que anda em paralelo à fragilidade e efemeridade das relações” (CASADORE E HASHIMOTO 2012, p. 200). Não à toa é tão importante para os *plugados*, o número de pessoas que estão conectadas a si, agora com o nome de “seguidores”. Ou seja, tudo acaba contribuindo para um grande paradoxo, por um lado, a busca incessante de relações virtuais, por outro, a necessidade de que estas relações sejam facilmente desfeitas a fim de que novas conexões sejam tomadas, aqui a característica do vínculo seria a prevalência da fluidez, a valorização daquilo que realmente é passageiro.

Aqui apresentamos alguns questionamentos ao modo como os vínculos e conseqüentemente os afetos, estão sendo construídos contemporaneamente a partir dos instrumentos digitais em uma sociedade globalizada. Considera-se que neste modelo de relação virtual as conexões, embora muitas, não dizem de ligações bem constituídas no que diz respeito à dinâmica dos afetos e uma ordem de relação, onde se faz necessário a aceitação do outro, a convivência com as frustrações e o exercício de conviver. Por fim, observa-se que em tempos onde tantos ícones representam os afetos e sentimentos, mais vivemos um esvaziamento das representações vinculares, uma suposição de que estamos expressando nossos sentimentos por ter um campo bem provido desses indicadores através dos *emoticons* ou tantas outras formas virtuais de apresentar os sentimentos, porém esvaziados de sentido ou marcas que representam a substancialidade subjetiva.

Referências Bibliográficas

- ARENDR, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências Humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BOWLBY, John. **Apego: a natureza do vínculo.** Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CASADORE, M. Mariani; HASHIMOTO, Francisco. **Reflexões sobre o estabelecimento dos vínculos afetivos interpessoais na atualidade.** Revista Mal-estar e subjetividade, vol. XII, n. 1-2, pp. 177-204. Fortaleza: 2012.

CASTELS, Manuel. **O nosso mundo, a nossa vida.** In O Poder da Identidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

DALBEM, Juliana; DELL'AGLIO, Débora. **Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrolado.** Trad. Maria Luiza Borges Rio de Janeiro: Record, 2000.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra.** Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014a.

_____. **A corrosão do caráter.** Rio de Janeiro: Record, 2014b.

XIBERRAS, Martine. **As teorias da exclusão: para uma construção do imaginário do desvio.** Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

Recebido; 20/5/2020. Aceito: 22/7/2020.

Autoras

Geny Alexandre dos Santos - Psicóloga clínica – CRP 02/15.299, Terapeuta de Casal e Família pelo Instituto Libertas. Mestre em Ciências da Educação com ênfase em Educação Inclusiva. Doutora em Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - Lisboa. Rua Pacheco Medeiros, Nº 129, Lajedo-PE, Centro. Fone (87) 9 9613-9962

E-mai: genypsi@hotmail.com

Maria Rita Galdino Silva - Acadêmica em psicologia pela Uninassau/Caruaru. Com interesses de pesquisa na área educacional; aprendizagem e processos de desenvolvimento

E-mail: ritagaldinomr@gmail.com